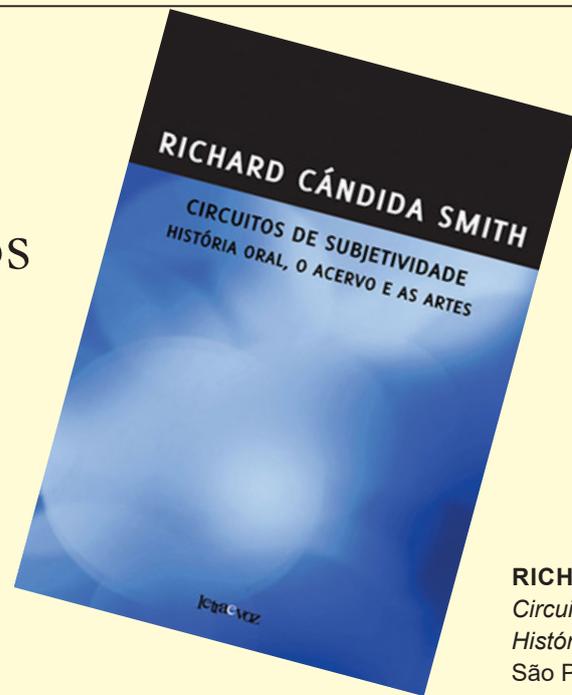


História Oral no campo das artes: porta para universos subjetivos



RICHARD , Cândida Smith.
Circuitos de subjetividade: História Oral, o acervo e as artes.
 São Paulo: Letra e Voz, 2012.
 (Coleção Ideias). 236 p.

Patrícia Yokomizo¹

pati@usp.br

Em *Circuitos de subjetividade: História oral, o acervo e as artes*, Richard Cândida Smith, professor da Universidade da Califórnia, Berkeley, condensa resultados de mais de duas décadas de pesquisa com fontes orais. No livro, são reunidos ensaios que oferecem perspectivas históricas sobre o lugar ocupado por tais fontes em um circuito de relações desenvolvido por artistas e suas comunidades. O objetivo é refletir sobre os desafios interpretativos do uso da História Oral na reconstrução da história das Artes Plásticas, no caso, da Califórnia. Na obra, Cândida Smith demonstra, ainda, como tem combinado fontes orais, escritas e visuais para fornecer informações sobre a vida cultural dos EUA durante o século XX.

Inicialmente, o autor comenta os desdobramentos da cadeia comunicativa das entrevistas de história oral, que implicam a interpretação de diálogos e forças sociais envolvidas. Em seguida, são discutidas questões referentes à publicação de pesquisas com fontes orais, refletindo sobre os processos produtivos de materiais, em especial livros, e o atendimento de mercados leitores. Por fim, são apresentados estudos realizados com artistas da Califórnia para compreensão dos ditos circuitos de subjetividade, em que a concepção de identidade e

comunidade ocorre pela interligação de diferentes expressões.

Em relação aos desdobramentos da cadeia comunicativa, o autor realiza observações sobre estratégias de análise de relatos, chamando a atenção para aspectos imbricados a eles, como as expressões e os gestos. De acordo com as ideias do historiador, a observação atenta da fala e seu narrador nos convida a compreender as palavras mais densamente por meio de suas corporificações. Cândida Smith destaca, então, a centralidade que as narrativas têm ocupado nos estudos de História Oral em detrimento de outras manifestações pessoais.

O autor sugere tratar das manifestações corporais perceptíveis nas narrações não como desconexas dos discursos, mas como complementares ao conjunto de informações que compreende uma complexa rede de significados. A partir de tal proposta, é preciso um pensamento sobre a sensibilidade e as habilidades necessárias ao pesquisador para captar e traduzir expressões diversas, sobretudo as alheias a seu contexto cultural. É indicado um rastreamento de estruturas simbólicas e tensões sociais que possam estar envolvidas nos discursos coletados, com vistas a entender as estruturas narrativas que são estabelecidas pelos entrevistados. Valendo-

¹ Bacharela em Têxtil e Moda e Mestranda em Gerontologia na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

se de considerações de Luisa Passerini a respeito de enredos e formas preexistentes de contar histórias que são buscadas por narradores, o historiador americano acrescenta que, quando se trabalha na reconstituição de ligações entre experiências pessoais, memória coletiva e processos históricos, é preciso conhecer o lugar que a narração de histórias ocupa na consciência popular.

Cándida Smith explica que a autorrepresentação, particularmente nos discursos, é uma característica simbólica, uma vez que articula a posição moral que o entrevistado adota tendo em vista as consequências de sua fala. A respeito dos sistemas de significação, é considerado que a entrevista instiga o indivíduo que narra uma história a refletir sobre os significados históricos e sociais dos acontecimentos de sua vida. Nesse sentido, os entrevistadores precisam compreender as conexões que seus narradores estabelecem ao longo do relato. Para o autor, prestar atenção aos fundamentos práticos da produção de significados reintegra ética, política e conhecimento às pesquisas.

Como conclusão sobre a análise de entrevistas em História Oral, o autor considera que o primeiro passo é reconhecer que as entrevistas não são fontes de informações brutas, mas oralidades estruturadas por significados e códigos complexos. Para ele, não é possível tornar visíveis limitações ou capacidades críticas na produção de sentidos sem imergir no texto do discurso estabelecido e iniciar um processo de diálogo com o narrador (p. 44).

Após discussão e sugestões aos desdobramentos da cadeia comunicativa das entrevistas de História Oral, Cándida Smith trata da reprodução de pesquisas com fontes orais, especialmente em impressos, apresentando um cenário dos processos produtivos de publicações e salientando as implicações relacionadas ao atendimento do mercado editorial e leitores. Para o autor, antes de um pesquisador realizar a escolha sobre o formato de apresentação do material de entrevistas, deve considerar a maneira mais eficaz de comunicar a história e o assunto tratados: a definição da estrutura de uma publicação afeta a seleção das partes mais relevantes de entrevistas e a ordem estabelecida para se chegar à conclusão. Em outras palavras, procura-se esclarecer que “processos produtivos distintos estão implicados no processo de criação de um texto, ou de um conteúdo criado pelo autor, e na confecção de objetos impressos como livros e

periódicos” (p. 54). Assim, o material final de uma pesquisa depende de diferentes agentes envolvidos em sua realização. Como uma forma de se manter fiel à lógica da História Oral neste cenário, o historiador sugere que nas publicações procure-se, ao menos, desvendar as relações sociais tangentes aos relatos e conservar as raízes do presente no passado (p. 58). Em complemento à indicação do autor e considerando a questão mercadológica exposta, propõe-se também um pensamento sobre o acesso à mensagem do estudo publicado, com a avaliação dos modos e estilos de apresentação mais adequados à compreensão do leitor e da ideia original da pesquisa.

Após a exposição de fatores que implicam nas publicações com fontes orais, o livro prossegue com estudos com artistas californianos, como John Outterbridge, Joan Brown e Jay Defeo. É instituído o termo *circuitos de subjetividade*, que compreende uma espécie de entorno caracterizado por expressões particulares, proporcionadoras de senso de identidade e comunidade. Cándida Smith utiliza uma variedade de relatos para interpretar a formação de identidades artísticas na Califórnia, entre os anos de 1945-1965. A partir das entrevistas apresentadas, são oferecidos exemplos e reflexões do uso de relatos na investigação das Artes e indicam-se algumas peculiaridades que tangem as pesquisas realizadas neste campo.

O historiador passa a discutir a relação de fontes orais com outros tipos de fonte, como objetos e gestos. Estas outras formas de expressão são vistas como maneiras de demonstrar sentimentos e ideias difíceis de expressar em palavras. Essencialmente, considera-se que a expressão falada é inseparável da emoção e do gesto, entendendo que as expressões corporais fornecem imagens que têm como intenção aprimorar a fala a respeito de uma complexa série de eventos (p. 63).

Para interpretar a construção da história do Modernismo nos Estados Unidos, Cándida Smith utilizou fontes orais e diversos arquivos disponíveis ao estudo da Arte. Através do contato com artistas, o historiador aponta que nas entrevistas é possível coletar pistas da mediação que as práticas criativas exercem sobre a subjetividade, as exigências formais e as disposições coletivas. Nesse sentido, a História Oral pode ajudar a desvendar os caminhos para escolhas estéticas tomadas por profissionais das Artes. Segundo o autor, estas preferências são

moldadas por autoimagens pessoais e institucionais, que se relacionam a outros aspectos da sociedade e criam a herança cultural de determinado meio. No decorrer da obra, Cândida Smith considera que a relação entre relato e estratégias profissionais de criação poderia contribuir com o desenvolvimento de um quadro teórico mais abrangente sobre narrativas de história de vida. O autor, então, indica que “aqueles que conduzem entrevistas de história oral com artistas precisam reconhecer uma descrição dos materiais e dos processos criativos envolvidos na construção de determinada obra” (p.94). Considera-se, assim, que tal feito pode revelar as relações entre a subjetividade e a realidade em que habita o entrevistado. A obra de arte é vista, dessa forma, como um registro de existência formatado por objetos que representam a vida de uma pessoa (p. 174) – ou partes dela. Além do aprofundamento em entrevistas e manifestações artísticas para compreender subjetividades, a análise atenta dos relatos e produções artísticas é considerada interessante também à abordagem de conceitos operacionais utilizados pelos artistas em suas atividades cotidianas.

Cândida Smith discute, por fim, como é formulada a definição de qualidade pelos profissionais em questão. O historiador infere, a partir de fontes

orais, expressões e objetos, que o atributo de distinção positiva de um trabalho artístico é sua capacidade de continuar a gerar significados e sensações (p. 128). Em outras palavras, a obra de arte torna-se interessante na medida em que mais pessoas ingressam em seu circuito de subjetividade (p. 225). É a partir desta conquista de público e importância, que o autor explica que são classificadas as produções dignas de exposição e coleção.

Em síntese, as considerações de Richard Cândida Smith sobre os desdobramentos da cadeia comunicativa das entrevistas, as publicações de fontes orais e os circuitos de subjetividade, compõem uma obra que contempla diversas questões pertinentes à História Oral, tais como a inclusão de expressões além da fala nos estudos, o destino das publicações e a interpretação de realidades distantes ou não familiares. A leitura apreciativa das pesquisas do autor, ainda que neste caso sejam localizadas nos EUA, é indicada ao aprimoramento da análise de estruturas significantes presentes na complexidade de fontes orais de temas distintos. O trabalho do historiador norte-americano conduz a uma maior sensibilidade e flexibilização dos modos de ouvir e interpretar narrativas, instigando, com ricos exemplos, a imersão profunda do pesquisador no universo de seu entrevistado.